

A memória replantada: o caso da ameixeira amarela, a mirabelinha de

Muranów

The replanted memory: the case of the yellow plum tree, the mirabelle of

Muranów

La memoria replantada: el caso del ciruelo amarillo, la mirabele de

Muranów

Piotr Kilanowski

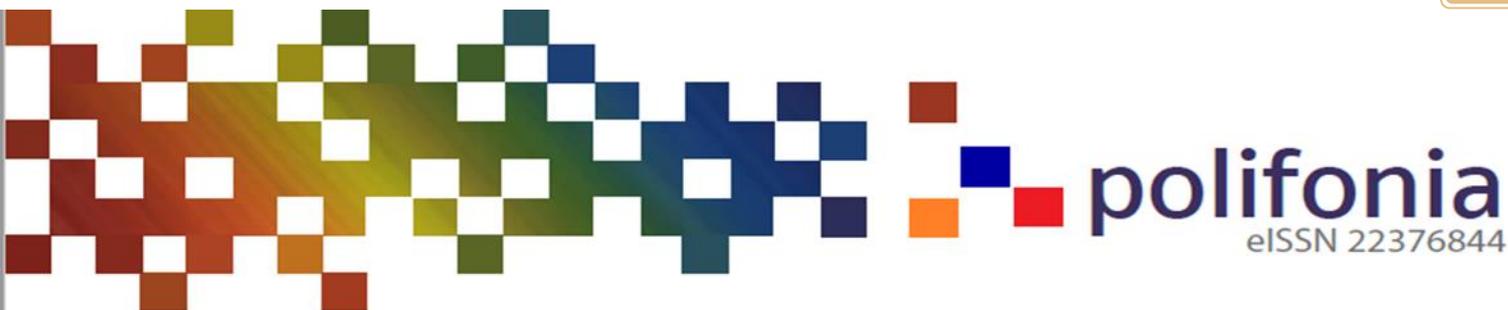
Universidade Federal do Paraná

#### Resumo

O presente ensaio tem como objetivo apresentar uma reflexão sobre o caso da ameixeira amarela, a mirabelinha da rua Nalewki, em Varsóvia. A árvore frutífera sobreviveu ao gueto de Varsóvia e ao regime comunista e acabou sendo vítima, há poucos anos, de um empreendedor imobiliário. A mirabelinha chegou à consciência coletiva e ao imaginário literário a partir de uma reportagem literária de Hanna Krall. Em seu texto *Obecność (A presença)*, publicado em 1998, a escritora investigava o caso do aparecimento dos fantasmas dos antigos moradores do gueto nas casas modernistas construídas em seu lugar, apresentando por meio da investigação a complexa questão da memória local. No lugar cujos moradores foram exterminados e o tecido da cidade completamente destruído e posteriormente reconstruído, árvores, pedaços de calçada e inesperados objetos escavados durante as brincadeiras infantis tornaram-se os poucos guardiões materiais da memória. A mirabelinha, após ser derrubada, tornou-se protagonista de um movimento social que culminou com seu replante em setembro de 2018 e a narradora do livro infantil de Cezary Harasimowicz, *Mirabelka* (2018), reconta toda a sua história e faz dela um símbolo da memória, que, como ela, mesmo erradicada, acaba ressurgindo das maneiras mais inesperadas, sendo replantada por meio de vários movimentos artísticos e sociais. Palavras-chave: memória, gueto de Varsóvia, literatura polonesa.

#### Abstract

This essay aims to present a reflection on the case of the yellow plum tree, the mirabelle from Nalewki Street in Warsaw. The fruit tree survived the Warsaw ghetto and communist regime and it ended up falling victim to real estate entrepreneur a few years ago. The mirabelle came to the collective consciousness and to the literary imaginary in a literary reportage of Hanna Krall. In her text *Obecność (The Presence)*, published in 1998, the writer investigated the case of the appearance of ghosts of former ghetto dwellers in the modernist houses built in their place, presenting the complex question of local memory through investigation. In the place whose inhabitants were exterminated and the tissue of the city completely destroyed and later rebuilt, trees, pieces of sidewalk and unexpected objects excavated during children's games became the few material guardians of memory. The mirabelle, after being overthrown, became a protagonist of the social movement that replanted it in September 2018, and the narrator of Cezary Harasimowicz's children's book *Mirabelka* (2018), which recounts its entire history and makes it a symbol of memory, which, like it,



even eradicated, ends up resurfacing in the most unexpected ways and it is replanted through various artistic and social movements.

Keywords: memory, Warsaw ghetto, Polish literature.

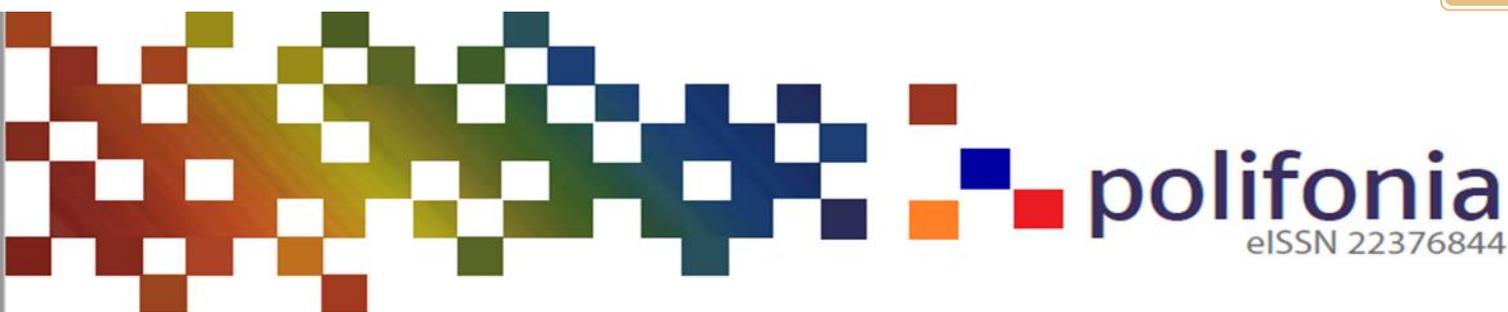
#### Resumen

El presente ensayo tiene como objetivo presentar una reflexión sobre el caso del ciruelo amarillo, la mirabele, de la calle Nalewki en Varsovia. El árbol frutífera sobrevivió al gueto de Varsovia y al régimen comunista y acabó cayendo víctima de emprendedor inmobiliario hace pocos años. La mirabelinha vino a la conciencia colectiva y al imaginario literario en un reportaje literario de Hanna Krall. En su texto *Obecność (La presencia)*, publicado en 1998, la escritora investigaba el caso de aparición de fantasmas de los antiguos moradores del gueto en las casas modernistas construidas en su lugar, presentando por medio de la investigación la compleja cuestión de la memoria local. En el lugar donde sus habitantes fueron exterminados y el tejido de la ciudad completamente destruido y posteriormente reconstruido, árboles, pedazos de calzada e inesperados objetos excavados durante los juegos infantiles se convirtieron en los pocos guardianes materiales de la memoria. La mirabelinha, después de ser derribada, se convirtió en protagonista de movimiento social que la replantó en septiembre de 2018, y la narradora del libro infantil de Cezary Harasimowicz, *Mirabelka (2018)*, que recuerda toda su historia y la convierte en un símbolo de la memoria que, como ella, incluso arraigada, acaba resurgiendo de las maneras más inesperadas y es replantada por medio de varios movimientos artísticos y sociales.

Palabras clave: memoria, gueto de Varsovia, literatura polaca.

Desde as culturas antigas, a árvore aparece como o eixo do mundo. Se pensarmos no teixo nórdico Yggdrasil, na árvore Irminsul dos saxões, na Kian-Mu dos chineses, ou em árvores como a paradisíaca árvore do conhecimento do bem e do mal ou a Árvore da Vida da tradição cabalística, percebemos que elas são a imagem “do cosmo vivo em perpétua regeneração” (CHEVALIER, GHEERBRANT, 1995, p. 84). Suas raízes tocam mundos subterrâneos, seus troncos permanecem no mundo médio, o nosso, enquanto seus galhos estendem-se em direção aos céus. As árvores nos acompanham na nossa jornada pela vida e servem como molde para nossos imaginários.

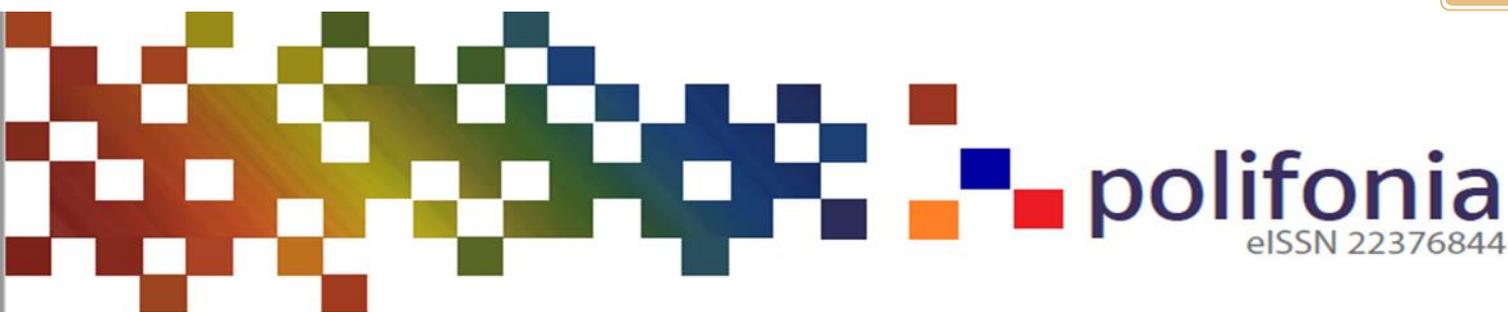
A história que descreverei a seguir talvez seja a mais colorida dentre várias histórias de árvores testemunhas observadas em outros textos, mas é apenas mais uma história de árvore testemunha dos atos humanos. De alguma forma, é mais uma história de uma testemunha participante de eventos traumáticos, uma nova categoria de testemunha que se encaixaria em algum lugar entre as categorias de testemunhas de Agamben (2008), *testis, superstes*, espectadores participantes que seriam e não seriam, ao mesmo tempo, os *bystanders* de Hilberg (1992) e aquilo que é denominado como exemplos de memória material. Os choupos de Umschlagplatz, que permitem a Marek Edelman determinar onde exatamente ficava a rampa de onde cerca de trezentos



mil habitantes do gueto de Varsóvia foram levados para os campos de extermínio (KRALL, 2017a, p. 23 e 69), os carvalhos que viram o extermínio de Belzec – e por isso foram incluídos como parte da exposição do museu daquele campo (MAŁCZYŃSKI, 2011, p. 47-53) – ou as bétulas visitadas por Georges Didi-Huberman (2017), em Birkenau, são apenas alguns entre vários exemplos de árvores testemunhas, árvores recipientes da memória da Shoá nas terras polonesas. Vale notar aqui a tradição de ver árvores e ecossistemas como testemunhas da história e em especial de traumas e genocídios (ou omnicídios, como sugerem Goodman e Hoff (1990), incluindo ecossistemas na catástrofe). Se, por um lado, há várias árvores que são reverenciadas como testemunhas de importantes eventos religiosos (a título de exemplo, entre os mais famosos, pensemos na figueira Bodhi (*Ficus religiosa*), de Bodh Gaya, que teria presenciado a iluminação de Siddartha Gautama, fundador do budismo, ou nas oliveiras do horto de Getsêmani que teriam acompanhado a noite de angústia e oração de Jesus em Jerusalém), por outro há aquelas que são reverenciadas por terem sobrevivido a catástrofes. No idioma japonês, elas possuem um vocábulo para denominá-las: *hibakujumoku* – as árvores sobreviventes. As mais famosas dessas árvores estão plantadas em Hiroshima e Nagasaki. Exemplos dessas testemunhas reverenciadas são citados por Mikołaj Smykowski (2018, p. 393-395). Uma delas é a árvore de *Gingko biloba* (curiosamente, seu uso medicinal está relacionado com a memória) de Hiroshima, que sobreviveu à explosão, e estava situada a 1130 metros do epicentro, num templo que foi destruído. Na sua reconstrução, o projeto arquitetônico contemplou a árvore como ponto central da fachada frontal. Um outro exemplo de *hibakujumoku* reverenciados como monumentos vivos são as canforeiras (*Cinnamomum camphora*) do templo Sanno Shinto em Nagasaki, que apesar de seriamente feridas pela explosão conseguiram brotar novos galhos. “A visão das árvores que renasciam enchia os moradores de esperança, dava forças regenerativas” (Shotaru Okuno e Ayano Matsuo apud SMYKOWSKI, 2018, p. 394, tradução nossa).<sup>1</sup>

Essa ideia de monumentos vivos é muito mais interessante, diga-se de passagem, que os monumentos de bronze ou de pedra que abundam nas cidades e sobre os quais assim escreve Jacek Małczyński:

<sup>1</sup> No original: “(...) widok odradzających się drzew napawał mieszkańców nadzieją, dawał regeneracyjną siłę”.  
Polifonia, Cuiabá-MT, v. 26, n.42, p. 01-187, abril-junho, 2019.

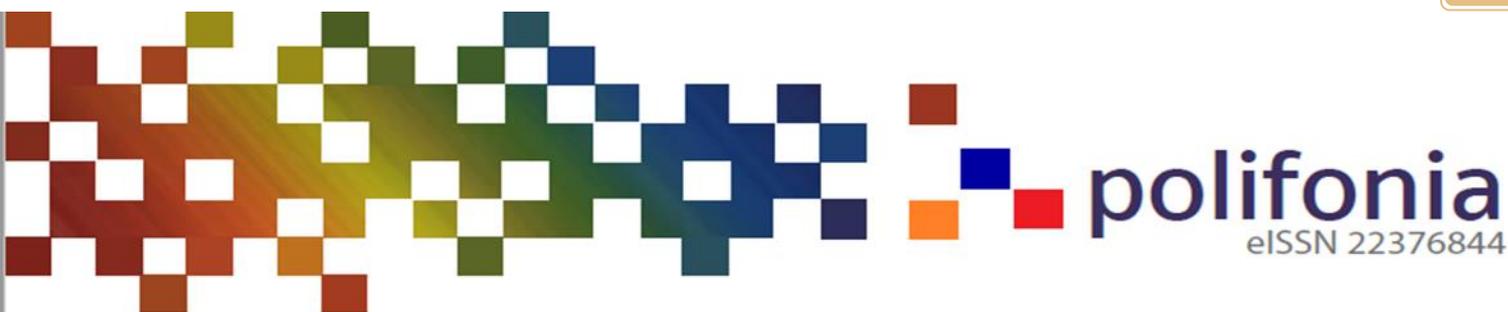


Erguidos geralmente (ou derrubados) por vencedores, representam sua visão da história e, nesse sentido, configuram uma manifestação de “violência visual” (...). Com o passar do tempo, no entanto, tornam-se invisíveis, passam a compor a paisagem e fazem com que o passado fique paralisado imóvel e os transeuntes comecem a passar indiferentes ao seu lado. (MAŁCZYŃSKI, 2018, p. 378, tradução nossa).<sup>2</sup>

Entre os monumentos vivos desse tipo, devemos notar as árvores plantadas para comemorar os Justos Entre As Nações (pessoas que salvavam judeus durante a Shoá) no Instituto Yad Vashem, em Jerusalém. Na contramão, entre as extirpações propositais desse tipo de monumentos testemunhas, devem ser observadas as ações para erradicar as oliveiras (que simbolizam para os palestinos seu direito à terra e marcam os espaços das aldeias palestinas destruídas) promovidas pelo exército de Israel nos territórios ocupados (BARDENSTEIN, 1999, p. 156-157).

Antes de prosseguir à apresentação do caso que é o tema do artigo, um último exemplo, que aborda a importância de árvores como monumentos vivos. Trata-se da história de uma intervenção artística promovida por ocasião da *Berlin Biennale für zeitgenössische Kunst*, em 2012, pelo artista multidisciplinar polonês Łukasz Surowiec. Em seu projeto *Berlin-Birkenau*, o artista transportou cerca de quatrocentas jovens bétulas da floresta que margeia o território do antigo campo alemão de Auschwitz-Birkenau para Berlim. A floresta foi um dos locais de despejo das cinzas dos prisioneiros assassinados no campo. As jovens árvores, crescidas nesse lugar, foram replantadas em parques públicos, nas escolas e nos locais relacionados ao Holocausto em Berlim. Jacek Małczyński (2018), no artigo em que apresenta, interpreta e questiona essa intervenção ecoartística, por um lado observa sua importância simbólica de levar o arquivo biológico da memória traumática para o local que foi o centro de planejamento do genocídio; por outro, mostra também seu aspecto político, relacionado não apenas com a comemoração, mas também com a “devolução” simbólica da memória do Holocausto, que é cultivada na Polônia, lugar de sua perpetração, para o espaço de onde vieram aqueles que conceberam e executaram o massacre. A “devolução” simbólica da memória estaria também relacionada com as tentativas da nação dos perpetradores de “partilhar” a

<sup>2</sup> No original: “Tradycyjne pomniki stawiane są zazwyczaj (lub obalane) przez zwycięzców, przedstawiają ich wizję historii, w tym sensie stanowią przejaw ‘przemocy wizualnej’ (...). Wraz z upływem czasu stają się one jednak niewidoczne, wtapiają się w krajobraz i sprawiają, że przeszłość zastyga w bezruchu, a przechodnie zaczynają mijać je obojętnie.”

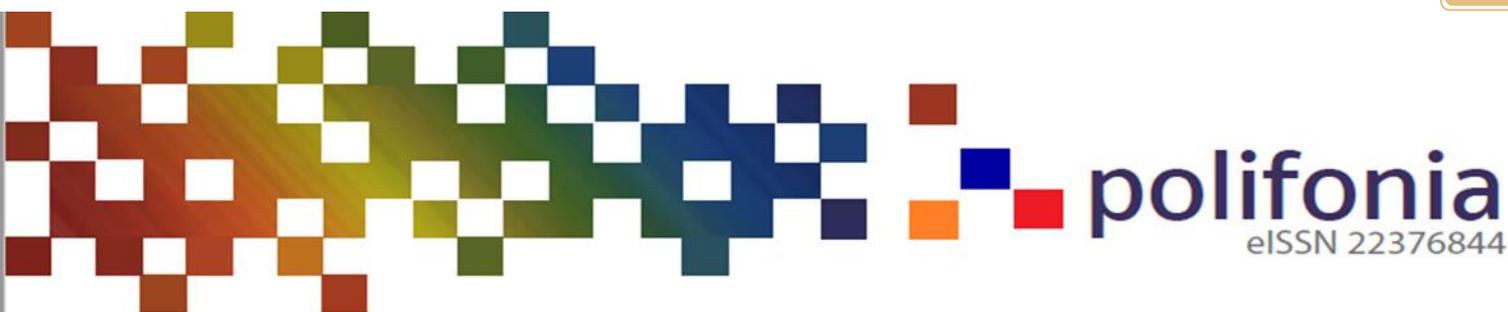


culpa pela Shoá com a nação daqueles que foram obrigados a testemunhar a matança de parte de sua população ocorrida em seu território. No entanto, o mais interessante dos questionamentos de Małczyński gira em torno da insensibilidade do ecoartista em relação à questão de transformar as árvores monumentos em objetos não sencientes, que podem ser erradicados, transportados (parte das árvores secou durante o processo) e realocados para participar dos jogos da memória dos humanos.

O paradoxo apontado pelo estudioso nesse tipo de ecoarte parece ausente da história das ações de um movimento comunitário e social que se criou em torno de uma árvore em Varsóvia. Configura ele mais um interessante exemplo da curiosa relação das árvores com a memória, talvez a mesma que levou os nossos antepassados de várias culturas a divinizá-las.

O centro da história é a árvore frutífera que cresceu na rua que antes e durante a Segunda Guerra Mundial chamava-se Nalewki e fazia parte do gueto de Varsóvia. Depois da Guerra, na época da ditadura comunista, passou a ter como seu padroeiro Marcell Nowotko, para, depois do fim do comunismo, adotar o nome de Władysław Anders. Essa troca de nomes da rua já pode dizer algo sobre os eventos testemunhados pela ameixeira amarela, chamada de mirabelinha (*Prunus domestica s. syriaca*). Mas se pensarmos que esses quatro momentos (o do pré-guerra, o do gueto, o do comunismo e o de depois da libertação do domínio soviético) simbolizam também quatro etapas da história do lugar e da cidade, entendemos que o caso é mais singular ainda.

Na rua Nalewki, antes da Guerra, a mirabelinha viu o florescente mundo judaico em uma das ruas mais emblemáticas da parte da cidade, chamada então de Dzielnica Północna (bairro norte) ou Muranów, na qual vivia a maioria dos 360 mil judeus de Varsóvia, cerca de um terço da população da cidade. Nalewki, um dos centros da vida judia na cidade, que tinha a segunda população judaica no mundo, ficando atrás apenas de Nova Iorque, tornou-se também uma das ruas centrais do Gueto, que foi estabelecido em 1940 pelos alemães. Uma das entradas para o gueto que funcionou até o seu fim (das 22 entradas-portões originais, na etapa final do gueto, depois de várias reduções espaciais do bairro, restaram apenas 4) estava situada na rua Nalewki. A rua Nalewki não existe mais e a história de seu nome e trajeto pode, de alguma maneira, aproximar a situação fantasmagórica da memória do lugar. Existe na cidade de hoje, é verdade, uma pequena rua de pouco mais de duzentos metros que leva esse nome, mas encontra-se a oeste do trajeto original da

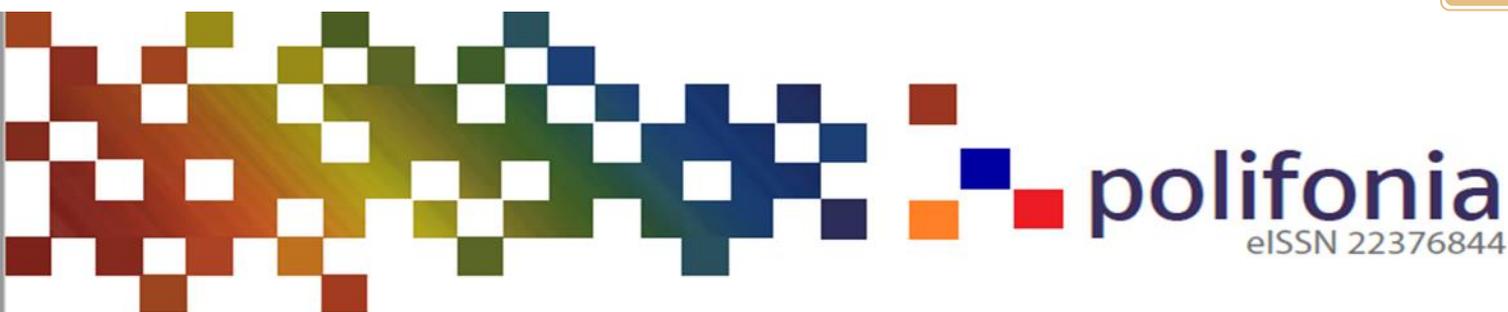


Nalewki e corre entre blocos de apartamentos, difícil de ser encontrada. Um trecho da Nalewki original, que milagrosamente sobreviveu, hoje é chamado de Bohaterów Getta (A rua dos Heróis do Gueto), mas, apesar do nome, nunca esteve dentro das fronteiras do gueto e não tem nenhuma relação com os heróis do lugar. Um curto trecho, deserto, sem edifícios e com a original calçada de pedras, no meio da qual estão trilhos, nos quais, desde a época da guerra, não andou nenhum bonde, termina no lugar no qual estava o portão do gueto (JANICKA, 2011, p. 272). Se ainda levasse o nome de Nalewki poderia ser uma testemunha perfeita da memória do bairro-fantasma. Com o nome mudado, testemunha apenas as tentativas de manipular e de alguma maneira apagar essa memória, ou fugir dela.

Os nazistas, além de assassinar a maioria dos habitantes judaicos de Varsóvia e do gueto, também arrasaram a parte da cidade onde estava situado o bairro, não deixando pedra sobre pedra depois do Levante do Gueto, em 1943. Depois da tomada do poder em 1945, os comunistas se serviram dessa parte completamente destruída da cidade para construir o bairro de Muranów, que era para ser um bairro-modelo dos novos tempos e da nova estética. Os eventuais remanescentes da vida de outrora foram erradicados e em seu lugar foram construídos, utilizando como material os escombros do gueto, pesados blocos de pequenos apartamentos no estilo do realismo socialista, que, em sua maioria, eram entregues aos apoiadores do novo sistema. A ideia inicial era deixar o bairro como um monumento do gueto, permanecendo seus edifícios, construídos com o concreto cuja base eram os escombros e tudo o que neles se encontrava, sem revestimento, apresentando a cor de um vermelho arroxeadado do material original. No entanto, o resultado se apresentou lúgubre demais e em pouco tempo, depois de repetidas solicitações dos moradores, todos os edifícios foram cobertos com reboco mais neutro. Esse processo, desde a ideia do arquiteto até o revestimento posterior à construção, levado a cabo apesar da discordância dos idealizadores, é descrito no livro que conta a história do bairro, da autoria de Beata Chomałowska (2012, p. 296-318), escritora e ativista social, uma das fundadoras da associação “Stacja Muranów”.

Essa parte da cidade foi completamente refeita e a mirabelinha, milagrosamente salva de todas as intempéries da história, continuava a oferecer aos habitantes os frutos com os quais se faziam geleias e compotas, como na época de antes da guerra e na época da terrível fome no gueto. A diferença era que agora as crianças que brincavam na sua sombra escavavam os pedaços da vida

Polifonia, Cuiabá-MT, v. 26, n.42, p. 01-187, abril-junho, 2019.



de outrora enterrados não muito fundo no chão ao redor da árvore, principalmente contas de vidro. A mirabelinha testemunhou também as várias mudanças do sistema que sofria pequenas transformações, após as seguidas revoltas dos trabalhadores, intelectuais e estudantes, e que eram abafadas pelo regime de maneira mais ou menos sangrenta. Em 1968, viu o último êxodo dos judeus poloneses, expulsos do país pelo governo comunista, que utilizou o antissemitismo para tentar criar uma base de apoio em torno do nacionalismo. Via também outras emigrações: as políticas – das pessoas perseguidas pelos arrochos do sistema comunista totalitário – e as econômicas – provocadas por sua ineficácia. Em 1989, a mirabelinha participou da queda do sistema e da libertação polonesa do domínio soviético, que todos saudaram como o fim das agruras da Polônia. A árvore que sobreviveu a dois totalitarismos, infelizmente, não foi capaz de sobreviver à liberdade. As utopias totalitárias concretizadas acabaram sendo menos destrutivas para ela que a concretização da utopia moderna da busca pelo lucro. Em março de 2017, a árvore foi cortada pelos trabalhadores da empreiteira que, aproveitando cada centímetro de espaço vazio, vai construir em seu lugar um moderno prédio de apartamentos. O assassinato da mirabelinha foi noticiado com descrédito e revolta pelo professor Jacek Leociak, um dos maiores estudiosos daquilo que ele mesmo denomina de “espaço pós-gueto” (ENGELKING; LEOCIK, 2001, p. 766). Em sua carta aberta ao jornal *Gazeta Wyborcza*, de 12 de março de 2017, Leociak escreve emocionado:

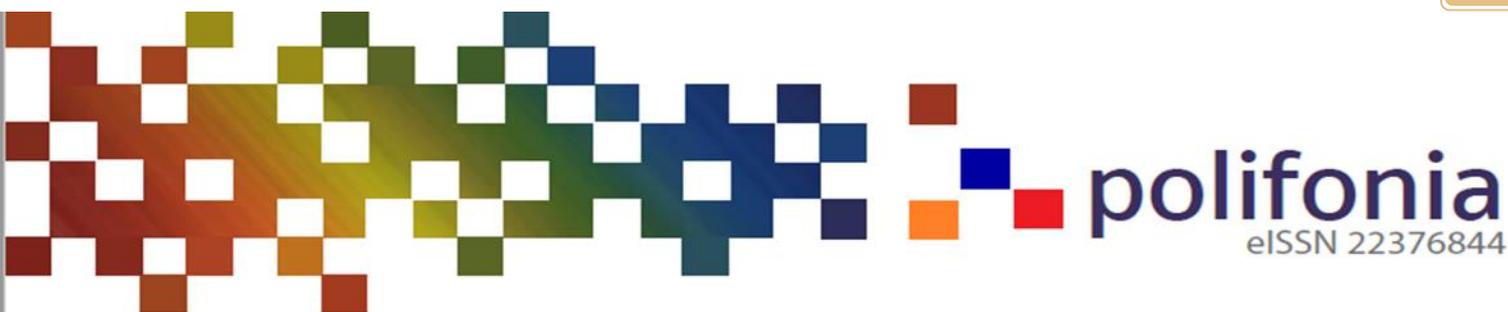
A mirabelinha acabou de ser cortada. Assassinada.

(...)

Estou reclamando daqueles que de modo cruelmente impensado exterminaram a mirabelinha da rua Anders 10. É um relato sobre a banalidade do mal. O que dizer sobre as pessoas que assassinaram a mirabelinha de Nalewki? Nada. É melhor poupar as palavras. Se sabiam o que faziam – é um horror. Se não sabiam, talvez Deus lhes perdoe. (LEOCIK, 2017b, tradução nossa)<sup>3</sup>

A história também foi recontada em seu fundamental livro sobre as ruas judias de Varsóvia, *Biografie ulic* (As biografias das ruas) (LEOCIK, 2017a, p. 303).

<sup>3</sup> No original: “Mirabelka została właśnie wycięta. Zamordowana.// (...) Mam pretensje do tych, którzy w sposób okrutnie bezmyślny zgładzili mirabelkę na Andersa 10. To opowieść o banalności zła. Co powiedzieć o ludziach, którzy zamordowali mirabelkę z Nalewek? Nic. Szkoda na nich słów. Jeśli wiedzieli, co czynią – to zgroza. Jeśli nie wiedzieli, może Bóg im przebaczy.”

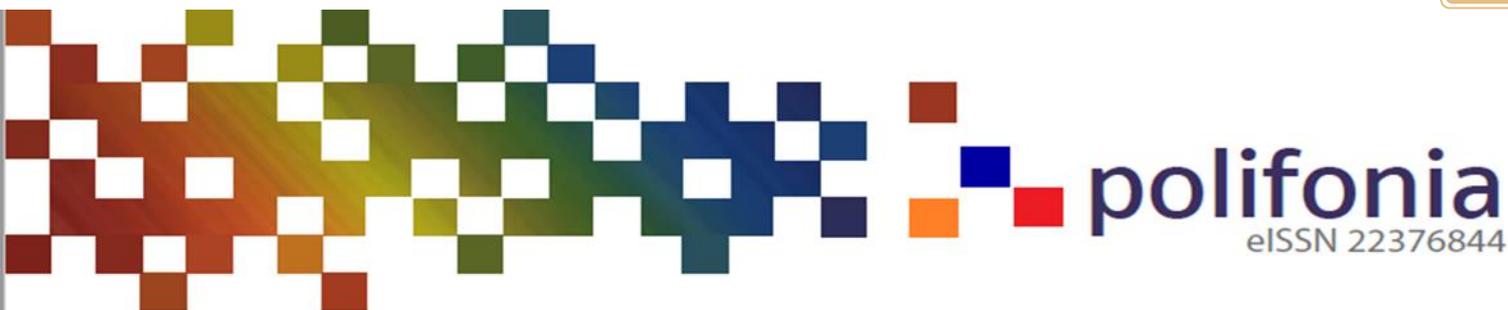


A notícia encontrou forte eco na sociedade, pois, até aquele momento, a mirabelinha, testemunha da história, já tinha se tornado personagem literário do conto-reportagem de 1998, *Obecność (A presença)*, de autoria de Hanna Krall, que, ao lado de Ryszard Kapuściński, é a mais famosa autora da escola de reportagem literária polonesa. A escritora, ela mesma uma das crianças judias que sobreviveram à guerra do lado “ariano” do muro do gueto, tem como tema principal na sua obra<sup>4</sup> a complexa memória e identidade de poloneses judeus, ao lado da memória do Holocausto. No conto-reportagem, a autora relata seu encontro com um casal que vivia num dos blocos da rua Anders 10, outrora Nalewki 24, no meio do terreno do antigo gueto. Os moradores reclamavam de visitantes invisíveis. O conto narra suas tentativas infrutíferas de se livrarem da presença dos fantasmas com a ajuda de uma exorcista, um padre e um rabino e, durante o processo, sua descoberta da história dos antigos moradores judeus, que poderiam ser as tais assombrações. Por meio da história autêntica, a autora ensaia lembrar a presença da vida judia, outrora tão vibrante em Nalewki e em Varsóvia, que, na época em que escreveu a reportagem (1998), diferentemente dos dias de hoje, andava muito esquecida. Diga-se de passagem, uma presença fantasmagórica, uma vez que da rua mais importante da Varsóvia judia não restou um marco direto material da memória oficial, apenas os milhares de mortos sob sua superfície e nos tijolos feitos dos escombros do gueto. A ausência notável dos marcos da memória torna-se a presença dos fantasmas, provoca uma dor-fantasma no lugar amputado.

A mirabelinha do conto de Krall comporta-se como as testemunhas das atrocidades, tenta partir, como se tivesse dificuldade de conviver com o que presenciou. Citemos as três primeiras partes da obra:

1. Os antigos moradores deixaram a ameixeira amarela – a mirabelinha, as contas de vidro e os espíritos. Estamos falando dos moradores dos prédios e quintais entre as ruas Wałowa, Franciszkańska e Nalewki, atualmente rua Anders.

<sup>4</sup> Os interessados na vida e obra de Hanna Krall poderão encontrar mais informações sobre a escritora e seu romance-reportagem *Sublokatorka (A sublocatária)*, com vários elementos autobiográficos, no artigo por mim publicado há alguns anos na revista *Aletria* (KILANOWSKI, 2013). Algumas informações sobre relações da escritora com os filmes de seu amigo Krzysztof Kieślowski podem ser encontradas em “Caso do acaso, signo do destino – uma reflexão em torno da fuga da história em busca do sentido na obra de Krzysztof Kieślowski” (KILANOWSKI, 2014).



2.

A mirabelinha tentou partir. Inclinou-se e estendeu diante de si os ramos. Pronta para a viagem, esticou as raízes para fora da terra. Os novos moradores colocaram uma argola de aço ao redor do tronco e prenderem-no com cordas. A mirabelinha deteve-se no meio do movimento. As mulheres faziam compotas de seus frutos amarelos e um pouco acres.

3.

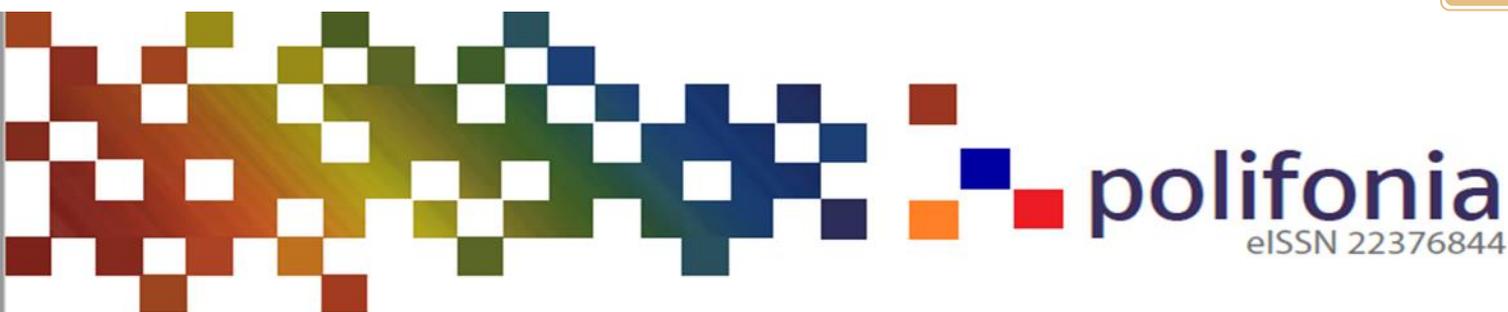
As contas ficavam nas proximidades da arvorezinha, enfiadas dentro da terra. Eram redondas, pequenas, de cores vibrantes e alegres. Os filhos dos novos moradores limpavam-nas nas peneirinhas e enfiavam numa linha, pois não havia ainda os fios de náilon. Todas as meninas da vizinhança usavam esses colares coloridos de vidro. (KRALL, 2017b, p. 736, tradução nossa).<sup>5</sup>

A autora inicia a investigação tentando descobrir de onde poderiam ter vindo as contas e esse é o ponto de partida para mostrar a riqueza e a vida do mundo que existiu naquele lugar no passado, com suas inúmeras lojas, fábricas e os nomes das pessoas que depois foram assassinadas. Os nomes, pois não sobraram outros traços, memórias ou relatos. Apenas de vez em quando seus nomes em velhos anúncios, livros de hipotecas, listas telefônicas...

Isso pode ser visto no levantamento detalhado feito por Leociak, baseado nas primeiras descobertas de Krall e apresentadas no conto-reportagem. O estudioso escreve:

Por que as contas saíam da terra justamente perto dessa mirabelinha? De acordo com o registro das empresas com sede em Varsóvia nos anos 1917-1946 (Arquivo Nacional na rua Krzywe Koło), no prédio na rua Nalewki 24, Juda Alfus, desde 1928, vendia mercadorias de armarinho. Um outro comerciante de mercadorias de armarinho nesse mesmo prédio era Icek Alfus. Será que ao lado de laços, rendas, luvas, cintos, bolsas havia também bijuterias? Não se sabe ao certo. Sabemos, no entanto, com certeza, que no mesmo endereço, Nalewki 24, F. Kiselstein vendia bijuterias. Será que as contas eram da sua loja? Na casa em frente às lojas de Alfus e Kiselstein, Nalewki 29, havia também um magazine de contas pertencente a Szwambaum. Produtos de pedraria, pérolas falsas e adornos de vestidos vendia também K. Kiselsztejn (Nalewki 18). As contas poderiam também ser compradas na Loja de Pedrarias, Contas e Produtos de Armarinho de I. e M. Halbersztat & Z. Kirszbaum (Nalewki 17). No endereço Nalewki 13 havia uma loja de bijuterias e abotoaduras pertencente a N. Petersburg. Havia por aqui muitas contas, há por aqui muitos fantasmas...

<sup>5</sup> No original: “1. Dawni mieszkańcy pozostawili mirabelkę, szklane korale i duchy. Mowa o mieszkańcach kamienic i podwórek między Wałową, Franciszkańską i Nalewkami, obecnie Andersa. // 2. Mirabelka próbowała odejść. Pochyliła się i wyciągnęła przed siebie gałęzie. Gotowa do podróży, wysunęła korzenie z ziemi. Nowi mieszkańcy otoczyli pień stalową obręczą i umocowali linami. Mirabelka zatrzymała się w pół ruchu. Kobiety smażyły konfitury z jej żółtych, trochę cierpkich owoców. // 3. Korale leżały w pobliżu drzewka, wdeptane w ziemię. Były okrągłe, nieduże, w ostrych, wesołych kolorach. Dzieci nowych mieszkańców płukały je na sitkach i nawlekały na nitkę, żyłek nylonowych wtedy nie znano. Wszystkie dziewczynki z sąsiedztwa nosiły te szklane, kolorowe naszyjniki.”



(...) Agora, que a mirabelinha foi cortada, certamente todos os fantasmas finalmente partiram e não incomodam mais os moradores. (LEOCIAK, 2017b, tradução nossa)<sup>6</sup>

Torna-se assim a mirabelinha o recipiente de uma memória cruel, uma memória incômoda, uma memória dolorosa. Suas raízes, assim como as raízes do bairro, tocam nos ossos, pertencem ao mundo dos mortos.<sup>7</sup> O poeta Jerzy Ficowski, em alguns de seus poemas relacionados ao Holocausto, fala sobre árvores testemunhas que permanecem como sinais da ausência – como em “O final do ritual” (FICOWSKI, 2018, p. 127). São elas nutridas por aqueles silenciados que suas raízes silenciosamente devoram e cujo silêncio é muito eloquente, afirma “O silêncio da terra” (FICOWSKI, 2018, p. 99). Ficowski escreve também sobre Muranów e sobre a situação da modalidade da memória denominada de esquecimento:

Muranów se ergue  
sobre as camadas de morrer  
a fundação apoiada em osso  
os porões nas valas esvaziadas de gritos

Foi ou não foi está como está

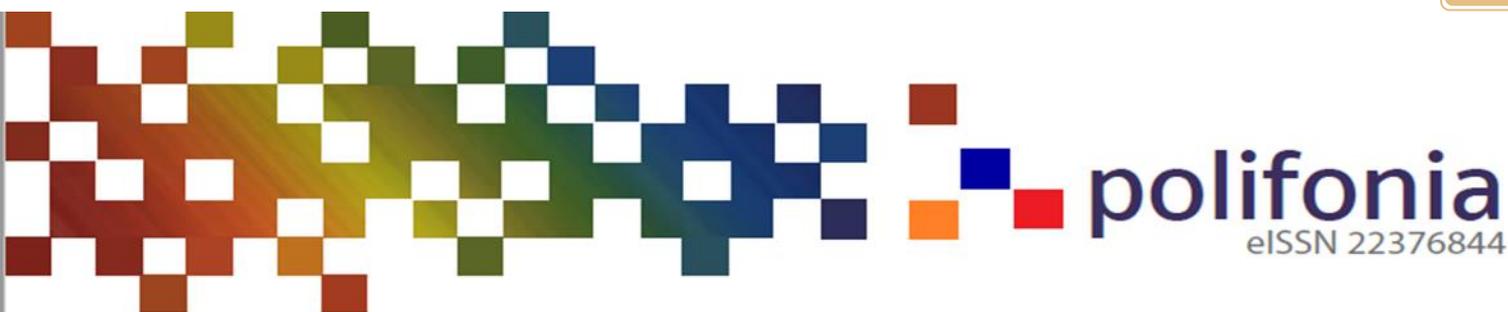
Há uma calma de gemidos removidos  
halo negro do fogo defunto  
Muranów firmemente plantado  
na sepultura da memória  
a maioria das cartas chega

Foi ou não foi está como está

E eu como ele elevado  
até a superfície das cinzas  
sob as estrelas de vidro estilhaçado

<sup>6</sup> No original: “Dlaczego korale wychodziły z ziemi właśnie koło tej mirabelki? Według bazy firm zarejestrowanych w Warszawie w latach 1917-46 (Archiwum Państwowe na Krzywym Kole) w kamienicy Nalewki 24 Juda Alfus od 1928 r. sprzedawał towary galanteryjne. Galanterię handlował w tym samym domu Icek Alfus. Czy oprócz wstążek, koronek, rękawiczek, pasków, torebek była też sztuczna biżuteria? Nie wiadomo dokładnie. Wiemy jednak na pewno, że na tychże Nalewkach 24 sztuczną biżuterią handlował F. Kiselstein. Może korali były z jego sklepu? // W domu naprzeciwko sklepów Alfusa i Kiselsteina skład korali prowadził Szwambaum – Nalewki 29. Dżety, korale, sztuczne perły i ozdoby do sukien sprzedawał też K. Kiselsztejn (Nalewki 18). Można było je kupić także w Składzie Dżetów, Korali i Towarów Galanteryjnych I. i M. Halbersztaata oraz Z. Kirszbauma (Nalewki 17). Na Nalewkach 13 sklep ze spinkami i sztuczną biżuterią miał N. Petersburg. Dużo było tu korali, dużo jest tu duchów... // (...) Teraz, kiedy mirabelkę wycięto, pewnie duchy wreszcie odeszły, już nie niepokoją mieszkańców.”

<sup>7</sup> De acordo com preceitos de Halacá, citados por Aleksander Wąsowicz, membro da comissão rabinica que se ocupa dos cemitérios judaicos na Polónia, “as árvores velhas pertencem aos mortos, pois suas raízes tocam nos ossos, e por isso elas também devem ser respeitadas” (PAZIŃSKI; WĄSOWICZ, 2007, p. 7).



Foi ou não foi está como está

eu queria apenas calar  
mas calando minto

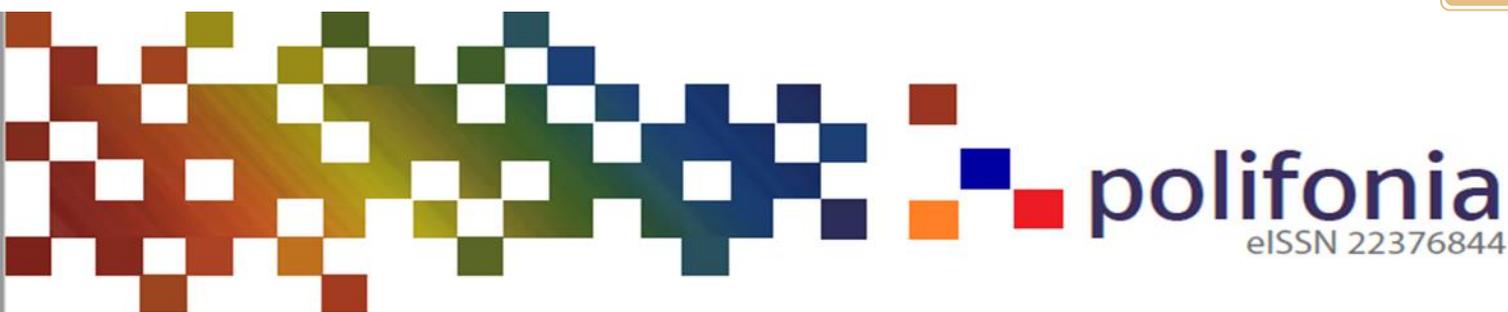
eu queria apenas andar  
mas andando pisoteio (FICOWSKI, 2018, p. 91-93)

Calar, com todo o respeito aos mortos, não é opção, não é possível deixar de andar, mas ao andar sem esquecer tropeça-se continuamente na memória dolorosa. Não é possível negá-la, embora o caminho da vida seja o de ir esquecendo: “Foi ou não foi” – quer dizer “não sei”, quer dizer “duvido”, quer dizer “tento esquecer”, pois o mundo “está como está”. Ou, talvez, até nessa afirmação assome a pergunta assombrada a respeito dele: “está? como está?”<sup>8</sup>.

A mirabelinha, de alguma maneira, unia os dois mundos, o do passado com o do presente. Não importa se foi cortada por estupidez ou propositadamente para apagar mais um traço da memória triste e incômoda. O fim da sua existência na rua Anders 10, outrora Nalewki 24, anunciado por Jacek Leociak, provocou acontecimentos inesperados e que acabam trazendo consigo uma mensagem esperançosa.

As raízes daquela mirabelinha morreram junto com ela, mas sua história não terminou assim. Da mesma forma que a memória e a identidade erradicadas de um canto acabam se manifestando em outro, a mirabelinha primeiro provocou uma emoção inusitada e um movimento social. Da mesma forma como judeus dos tempos antigos, que faziam compotas e geleias de frutos de mirabelinha, os moradores do lugar, depois da guerra, continuaram a se aproveitar da benevolência da árvore. E, como foi dito, muitos deles foram obrigados a emigrar por motivos políticos ou econômicos. Fizeram isso levando consigo as conservas de mirabelinha. A primeira tentativa do movimento, iniciado pela associação “Stacja Muranów”, que resolveu não deixar morrer a memória da mirabelinha de Nalewki, resultou falha. Embora as conservas tivessem sido preservadas, as sementes, uma vez fervidas, não poderiam brotar de novo. Mas, no entanto, nas buscas pelas redes sociais e entre antigos vizinhos, foi encontrada uma pessoa que, ao emigrar para

<sup>8</sup> Uma leitura dessa frase do poema de Ficowski, como um questionamento da expressão da “chocante imobilidade de esquecimento e da falta de pensar”, foi feita por Jakub Ekier (2010, p. 265).

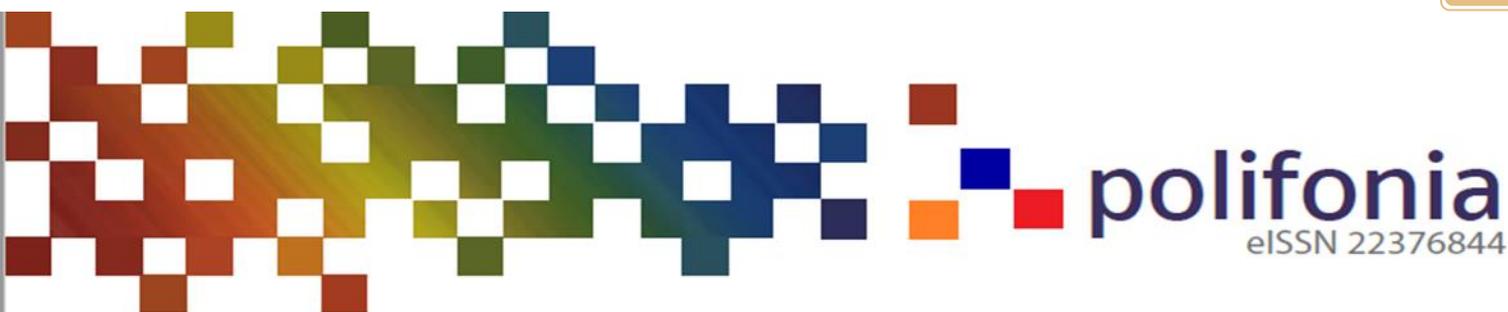


os Estados Unidos, levou consigo caroços da mirabelinha. O cheiro de suas flores era para ele um dos cheiros da infância e do lar que, no momento da emigração, parecia ter ficado irremediavelmente inacessível. Os caroços plantados em solo estrangeiro talvez pudessem brotar trazendo consigo o remédio para a saudade, um dispositivo para despertar as memórias e domesticar a vida nova num lugar estranho.

As sementes da mirabelinha de Nalewki, levadas para Washington, acabaram brotando. A mirabelinha, filha da mirabelinha de Nalewki, cresceu num quintal nas periferias de Washington. Suas sementes viajaram para a Polônia. Os biólogos comprovaram que elas possuem o mesmo código genético da primeira mirabelinha, portanto, a muda feita a partir delas seria a neta da primeira mirabelinha e ao mesmo tempo a mesma mirabelinha.

Nesse meio-tempo, entre a destruição da árvore, em março de 2017, e o desfecho da história, na primeira metade de 2018, o escritor Cezary Harasimowicz, ele mesmo na infância uma das crianças que à sombra da mirabelinha escavavam contas de vidro, publicou o livro infantil *Mirabelka (A mirabelinha)*. A narradora do livro é a arvorezinha que conta a história de sua vida. No livro, belissimamente ilustrado, as palavras da mirabelinha podem ser ouvidas apenas pelas crianças. É com elas que a árvore conversa e conta aos leitores as complicadas histórias de várias gerações de crianças que cresceram à sua sombra, trocando com ela seus segredos mais íntimos. Por mais que as crianças já crescidas percam o poder de se comunicar com a árvore, ela acompanha suas vidas adultas e depois convive com seus fantasmas. Ela reconta sua presença e relata a rica memória do lugar. Por mais que possa parecer estranho um livro infantil trabalhar uma memória tão pesada, trata-se de um exemplo cativante de tentar preservar a história e, por meio dela, inculcar nos jovens leitores a importância de um olhar aberto para a diversidade e a alteridade humanas, a importância do amor e da preservação da memória.

Por mais que a história possa parecer triste, ela tem um desfecho feliz que não foi incluído no livro, pois aconteceu alguns meses depois de sua publicação. No dia 22 de setembro de 2018, um grupo de ativistas ligados à “Stacja Muranów” replantou a muda da mirabelinha que veio dos Estados Unidos. A árvore foi replantada num lugar vizinho à primeira mirabelinha, hoje na praça Tekla Bądarzewska, onde antigamente se encontrava o prédio da rua Nalewki 15, no qual viviam cerca de 1500 pessoas, funcionavam dois bares, um restaurante, um cinema e inúmeras lojas. A Polifonia, Cuiabá-MT, v. 26, n.42, p. 01-187, abril-junho, 2019.



pequena ameixeira acabou dando frutos inusitados: comoções, livros, movimentos sociais, um belo mural na rua Dzielna 15<sup>9</sup> e até uma ação no âmbito de 550 bibliotecas infantis polonesas, iniciada pelo portal [www.lustrobiblioteki.pl](http://www.lustrobiblioteki.pl), de replantar as sementes da memória – outras mudas da árvore, durante eco-oficinas.<sup>10</sup> A memória replantada uniu as pessoas, conscientizou-as da complexa identidade e da história, fez-se uma ponte entre vários momentos históricos, garantiu a continuidade da lembrança e fez com que o mundo se tornasse um lugar melhor.

Não foi à toa que Georges Didi-Huberman, em seu ensaio sobre cascas de bétulas de Birkenau, apontou que a palavra para a casca mais interna da árvore fosse chamada em latim de *liber*, pois é nelas que escrevemos os “farrapos de nossas memórias [...] Coisas que caem de nossos pensamentos e que denominamos livros” (DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 133). Um dos livros que preservam as memórias, escritas na casca simbólica da árvore, que conta a história de uma delas, a nossa mirabelinha, e a história dos que viveram e vivem ao redor dela, começa assim:

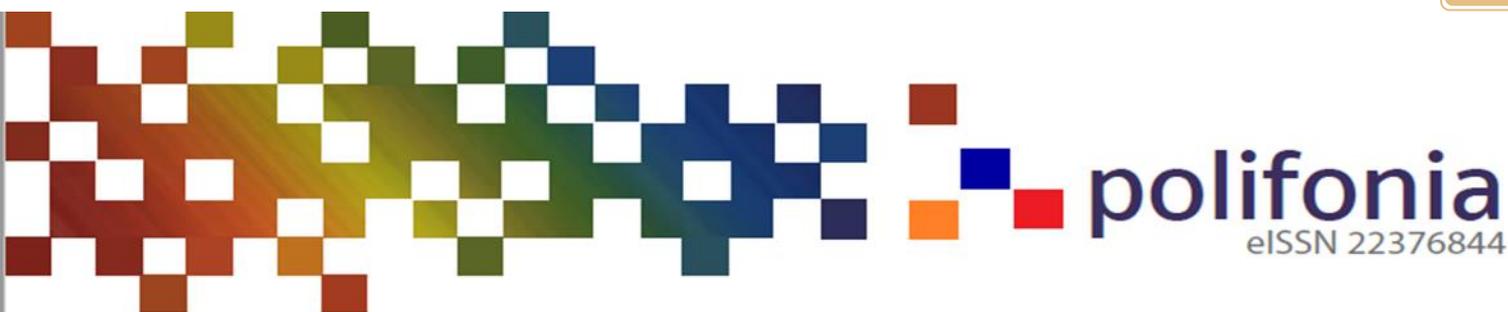
Eu tenho a felicidade! De verdade. Não são todos que têm uma felicidade assim. Tenho a felicidade de estar viva. (...) Dizem que damos aos humanos bastante felicidade pois somos doces. Dizem que essa doçura vem do sol. Quanto mais sol, mais doçura em nós. Mas eu penso que não é só por esse motivo que somos doces. (...) Simplesmente as pessoas nos amam. E nós amamos as pessoas e de alguma maneira esses amores penetram um no outro. (HARASIMOWICZ, 2018, p.7-8, tradução nossa)<sup>11</sup>

E não seria a memória mais uma entre as inúmeras modalidades de amor? E não seriam os dois, como as árvores cósmicas, o eixo em torno do qual gira o nosso mundo?

<sup>9</sup> O mural pode ser conferido em: <<http://klamra.org/projekty/artystyczno-kulturalnie/literacka-mirabelka/>>, acesso em 13 jun. 2019.

<sup>10</sup> Mais informações a respeito dessa ação estão disponíveis em: <http://lustrobiblioteki.pl/2018/10/az-550-bibliotek-uczestniczy-w-mirabelkowej-akcji/>, acesso em 13 jun. 2019.

<sup>11</sup> No original: “Ja to mam szczęście! Naprawdę. Nie każdy ma takie szczęście. Mam szczęście, że żyję. (...) Mówią, że dajemy ludziom sporo szczęścia, bo jesteśmy słodkie. Podobno ta słodycz bierze się ze słońca. Im więcej słońca, tym więcej w nas słodyczy. Ale ja sobie myślę, że nie tylko z tego powodu jesteśmy słodkie. (...) Po prostu ludzie nas kochają. A my kochamy ludzi i ta miłość tak jakoś wzajemnie się przenika.”



## Referências

AGAMBEN, G. *O que resta de Auschwitz. O arquivo e a testemunha. Homo Sacer, III*. Trad. Selvino Assmann. Apresentação de Jeanne-Marie Gagnebin. São Paulo: Boitempo, 2008.

BARDENSTEIN, C. B. Trees, Forests and the Shaping of Palestinian and Israeli Collective Memory. In: BAL, M.; CREWE, J.; SPITZER, L. (Org.). *Acts of Memory: Cultural Recall in the Present*. Hanover, London: Dartmouth College, University Press of New England, 1999. p. 148-168.

CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

CHOMĄTOWSKA, B. *Stacja Muranów*. Wołowiec: Czarne, 2012.

DIDI-HUBERMAN, G. *Cascas*. Trad. André Telles. São Paulo: Editora 34, 2017.

EKIER, J. Prawdomówna tęcza (O wierszach Jerzego Ficowskiego). In: SOMMER, P. (Org.). *Wcielenia Jerzego Ficowskiego: według recenzji, szkiców i rozmów z lat 1956 -2007*. Sejny: Pogranicze, 2010. p. 261-281.

ENGELKING, B.; LEOCIAK, J. *Getto warszawskie: Przewodnik po nieistniejącym mieście*. Warszawa: IFiS/PAN, 2001.

FICOWSKI, J. *A leitura das cinzas*. Tradução e organização: Piotr Kilanowski. Belo Horizonte/Veneza: Âyiné, 2018.

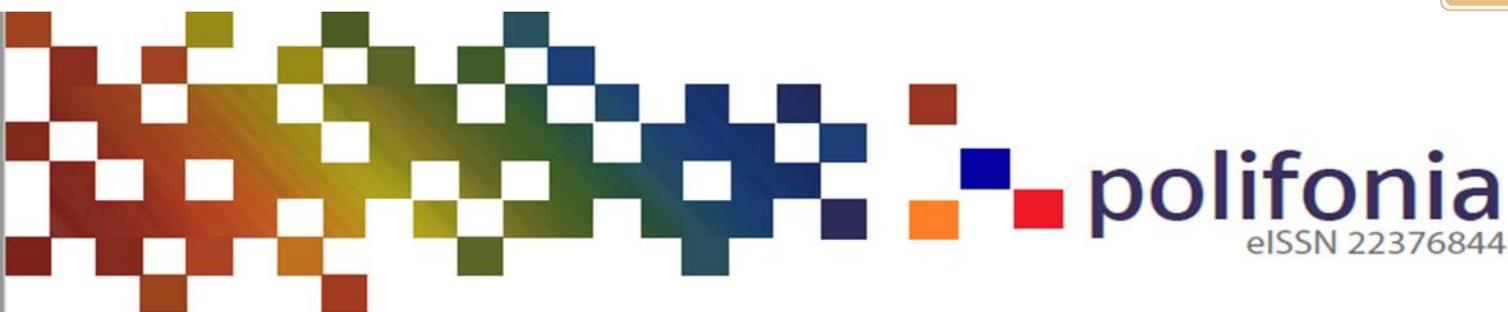
GOODMAN, L. M.; HOFF, L. A. *Omnicide: The nuclear dilemma*. New York: Praeger, 1990.

HARASIMOWICZ, C. *Mirabelka*. Warszawa: Zielona Sowa, 2018.

HILBERG, R. *Perpetrators Victims Bystanders: The Jewish catastrophe, 1933-1945*. New York: Aaron Asher Books, 1992.

JANICKA, E. *Festung Warschau*. Warszawa: Krytyka Polityczna, 2011.

KILANOWSKI, P. Hanna Krall e os caminhos tortos da memória e da identidade. *Aletria*, Belo Horizonte, v. 23, p. 151-163, 2013. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/download/4072/4936>. Acesso em: 11 fev. 2019.



KILANOWSKI, P. Caso do acaso, signo do destino – uma reflexão em torno da fuga da história em busca do sentido na obra de Krzysztof Kieślowski. *Alceu*, Rio de Janeiro, v.14, n. 28, p.129-139, 2014. Disponível em: <http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu%2028%20-%20129-139.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2019.

KRALL, H. *Zdążyć przed Panem Bogiem*. In: KRALL, H. *Fantom bólu*. Reportaże wszystkie. Kraków: Wydawnictwo Literackie, 2017a.

KRALL, H. *Fantom bólu*. Reportaże wszystkie. Kraków: Wydawnictwo Literackie, 2017b.

LEOCIAK, J. *Biografie ulic: O żydowskich ulicach Warszawy od narodzin po Zagładę*. Warszawa: Dom spotkań z historią, 2017a.

LEOCIAK, J. Słynna mirabelka z Nalewek wycięta [List]. *Gazeta Wyborcza*, 12 mar. 2017b. Disponível em: <http://warszawa.wyborcza.pl/warszawa/7,54420,21488451,slynnamirabelkaznalewekwycieta-list.html>. Acesso em: 25 nov. 2018.

MAŁCZYŃSKI, J. Drzewa 'żywe pomniki' w Muzeum-Miejsu Pamięci w Bełżcu. In: MAJEWSKI, T.; ZEIDLER-JANISZEWSKA, A. (Org.) *Pamięć Shoah*. Kulturowe reprezentacje i praktyki upamiętniania. Łódź: Oficyna, 2011.

MAŁCZYŃSKI, J. Jak drzewa świadczą? W stronę nieludzkich konfiguracji świadka. *Teksty Drugie*, Warszawa, n. 171, p. 373-385, 2018.

PAZIŃSKI, P.; WĄSOWICZ, A. Życia nie starczy. *Midrasz*, Warszawa, n. 120 (4/2007), p. 7, 2007. Disponível em: <http://midrasz.pl/archiwum.php#article-content>. Acesso em: 24 fev. 2019.

SMYKOWSKI, M. *Hibakujumoku* – drzewa, które przeżyły. Ekologiczne dziedzictwo bombardowań atomowych w Hiroszynie i Nagasaki. *Teksty Drugie*, Warszawa, n. 171, p. 386-397, 2018.